

Editorial

Com imensa satisfação apresentamos ao público o dossiê *Hermenêuticas do Feminino: ecos na/da Casa Comum*, elaborado com o propósito de pensar o feminino em suas múltiplas perspectivas e a partir de diferentes abordagens disciplinares e metodológicas, conjugando-o com, a partir de e no interior da *Casa Comum*, categoria utilizada tanto pela Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS), do Papa Francisco, publicada em maio de 2015, quanto pela *Agenda 2030* da Organização das Nações Unidas (ONU), com o objetivo de ouvir o grito dado pela Terra de que ela padece e está doente. De fato, a *Casa Comum* serve como inspiração para o dossiê; consequentemente, trata-se de uma categoria que transpassa os onze artigos que o compõem. Contudo, a proposta geral deste dossiê não é somente se pôr a pensar as causas e os desdobramentos do grito da Terra, mas também ouvir tal grito, ou melhor, ouvir os ecos do grito *da Casa Comum* que não ressoam senão *na* própria Casa Comum.

Dentre tais ecos, está o silenciamento da voz das mulheres frente àquela racionalidade que tomou «um universal neutro para falar da humanidade»¹ e que assumiu o masculino «como modelo e referência»², identificando o objetivo, o abstrato e o universal como sendo características masculinas propriamente ditas, utilizando-as como roteiro epistemológico e ontológico.

Texto escrito em português de acordo com a norma brasileira.

¹ Fernanda Henriques, *Filosofia e gênero: outras narrativas sobre a tradição ocidental* (Lisboa: Colibri, 2016), 19.

² Henriques, *Filosofia e gênero*, 20.

Como bem pontua Ivone Gebara:

Se, por um lado, consideramos os seres humanos como seres de natureza e cultura, as mulheres sempre foram consideradas mais natureza do que cultura, ou seja, mais próximas da materialidade da vida, enquanto os homens, mais próximos do espiritual, do abstrato, do racional, do imaterial. E mais, deu-se uma espécie de naturalização das funções ou das tarefas femininas, de forma que se atribui às mulheres a responsabilidade pelo cuidado da família, cabendo-lhes o trabalho doméstico como expressão de sua própria natureza. Por essa razão, quando hoje elas saem desse papel «natural», são vítimas de violência e responsabilizadas pelos desmandos da família.³

Pensada como produto cultural, a própria concepção de «feminino» foi construída desde uma perspectiva muito bem definida – a masculina. Como aponta Maria Rita Kehl⁴, ao longo dos séculos XVIII e XIX o papel da mulher foi restringido ao espaço doméstico, à esfera privada. Em outras palavras, as mulheres foram invisibilizadas da e na esfera pública, logo, dela não participavam, não porque não quisessem, mas justamente porque isso não fazia parte de sua «natureza», o que, de certa forma, «torna-se um argumento poderoso para escravizá-las às vicissitudes de seu corpo»⁵. A construção cultural é transformada em natural e, em nome dessa «natureza», a voz e a vida pública das mulheres foram/são colocadas à margem – silenciadas, na verdade. Ou melhor, como ainda pondera Kehl, às mulheres foi reservado um dever específico:

É interessante observar que, embora o sustento material da família ainda dependesse, tradicionalmente, dos homens, o destino

³ Ivone Gebara, «Gênero e ecologia: algumas reflexões ecofeministas e suas consequências para a teologia,» in *Filosofia do gênero em face da teologia: espelho do passado e do presente em perspectiva do amanhã*, org. Clélia Peretti (Curitiba: Champagnat, 2011), 24.

⁴ Maria Rita Kehl, *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade* (São Paulo: Boitempo, 2016).

⁵ Kehl, *Deslocamentos do feminino*, 46.

das mulheres estava muito mais veementemente associado ao *dever* para com os filhos – para com a continuidade da espécie, diríamos – do que o deles. Em nome desse dever, elas foram censuradas por querer limitar o número de filhos, por não desejar se casar, por ter vida social ou profissional e mesmo por estudar. Algum estudo era permitido às mulheres setecentistas, mas a erudição (esse discurso se radicaliza no século XIX) era imperdoável.⁶

O silenciamento da voz das mulheres possui várias facetas, podendo ser pensado desde perspectivas distintas. Não se trata de um fenômeno restrito à esfera político-social. Tampouco foram tão somente as mulheres que foram silenciadas e dominadas pelo «império masculino»⁷. A redução da mulher a «ama do lar», a sua subordinação às relações matrimoniais, à tarefa de cuidar dos filhos e da casa, diz respeito a uma cosmovisão, responsável também por outra subordinação/dominação: a da natureza. «Mulher» e «natureza», portanto, estiveram/estão, por séculos, sob o guião masculino: «estas [as mulheres] foram relegadas pelo sistema patriarcal e particularmente pela modernidade a serem força de reprodução de mão de obra, “ventres benditos”, enquanto a natureza tornou-se objeto de dominação em vista do crescimento do capital»⁸.

Em termos epistemológicos, pensar a subordinação/dominação das mulheres no interior do sistema patriarcal implica, ou melhor, reivindica pensar a igual subordinação/dominação da natureza. Por isso, este dossiê assume uma perspectiva ecofeminista que, como bem afirma Gebara, «quer mostrar a conexão entre a dominação das mulheres e da natureza do ponto de vista da ideologia cultural e das estruturas sociais e também introduzir novas formas de pensar, em vista da “ecojustiça”»⁹. Logo, nosso principal objetivo não se reduz a somente dar visibilidade a quem está,

⁶ Kehl, *Deslocamentos do feminino*, 63, grifo da autora.

⁷ Ivone Gebara, *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião* (São Paulo: Olho d'Água, 1997), 9.

⁸ Gebara, *Teologia ecofeminista*, 10.

⁹ Gebara, *Teologia ecofeminista*, 29.

ou melhor, a quem foi posta nas fronteiras invisíveis das esferas político-social, econômica e religiosa, mas pensar, desde diferentes perspectivas, o silenciamento de suas vozes como um dos ecos *da e na Casa Comum*, assumindo uma posição/postura de vanguarda, «rompendo o silêncio», como também propõe Ivone Gebara¹⁰, para que essas vozes sejam ouvidas, acolhidas, compreendidas e integradas.

Por essa razão, os dois artigos que abrem este dossiê abordam a temática ecofeminista da relação da mulher com a Terra, uma relação que dá concretude ao propósito maior da *Laudato Si'* – pensar e pôr em prática o *cuidado da Casa Comum* – e que, para Antonina Wozna, representa um dos maiores desafios do feminismo do século XXI, a saber, «o reconhecimento da causa das mulheres e da causa ecológica como profundamente interconectadas»¹¹. Igualmente Julia Kristeva chama a atenção para a singularidade da corporeidade feminina, fazendo analogia entre esta e elementos da natureza, como as flores e os ciclos da Terra, assim como apontando a maternidade como experiência que revela a identidade da mulher como produtora de linguagem, sendo que tal linguagem abarca a totalidade do existente e, portanto, também a Terra¹².

Em *Mulher e Natureza: aliança e analogia. Reflexão dialogante com a Laudato Si'*, Maria Clara Lucchetti Bingemer faz uma autêntica hermenêutica teológica do feminino, ao trabalhar com precisão a analogia entre a Terra, como o corpo da criação, e o corpo da mulher, em seus ciclos, sua fertilidade, sua receptividade ao outro e sua esterilidade, quando maltratada e explorada. Mesmo sendo possível tal analogia, a articulista propõe que a superação do domínio da natureza não coincide com a superação da opressão da mulher. Para tanto, Maria Clara Bingemer propõe o que chamou de «reflexão dialogante com a *Laudato Si'*», partindo não da

¹⁰ Cf. Ivone Gebara, *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal* (Petrópolis: Vozes, 2000).

¹¹ Antonina Wozna, «Ecofeminismo, justicia y espiritualidad,» *Carthaginensia*, vol. 37, n.º 72 (2021): 446, disponível em: <https://revistacarthaginensia.com/index.php/CARTHAGINENSIA/article/view/333>, acessado em 27.07.2022.

¹² Cf. Catherine Clement e Julia Kristeva, *Le féminin et le sacré* (Paris: Stock, 1998); Julia Kristeva, *Seule une femme* (Paris: L'Aube, 2013).

Carta Encíclica, mas de dois filmes – *Nostalgia da luz* (2010) e *O botão de pérola* (2015), dirigidos por Patricio Guzmán –, com o propósito de dar a ver uma verdadeira cumplicidade e fidelidade demonstradas por meio da convivência, da comensalidade e da comunhão entre ser humano e natureza.

Já Maria Luísa Ribeiro Ferreira, em *Olhares cruzados sobre o ecofeminismo*, tendo como ponto de partida o silêncio existente na *Laudato Si'* a respeito do trabalho majoritariamente desenvolvido por mulheres no cuidado da Terra, apresenta com exímia qualidade três abordagens distintas a respeito dessa relação das mulheres com o cuidado da Terra: a de Vandana Shiva, representante da vertente cultural do ecofeminismo; a de Sallie McFague, representante da vertente teológica; e a de Alicea Puleo, da vertente sociológica. Sabendo ler muito bem cada uma das autoras e suas propostas, Maria Luísa Ribeiro Ferreira apresenta a convergência de princípios entre o ecofeminismo e a ecocultura, o que pode ser concretizado em uma «cidadania ambiental», pautada na «regra dos 3 R» – reduzir, reutilizar e reciclar.

O segundo momento deste dossiê reúne cinco artigos, que possuem em comum o propósito de desenvolver aspectos próprios à teologia feminista que, como argumentará Fernanda Henriques, tem de ser crítica. Também é notável a iniciativa de quatro desses artigos apresentarem os contributos decisivos da hermenêutica no desenvolvimento de uma teologia feminista, o que, de certa forma, faz eco à proposta de Jaci F. S. Candiotto que pensa uma «*mediação hermenêutica*, no sentido de que a hermenêutica auxilia a articulação entre a teologia feminista e suas fontes cristãs, conferindo-lhe uma identidade peculiar»¹³. O artigo de Marilú Rojas Salazar, por sua vez, desenvolve-se não tanto a partir de uma chave hermenêutica, mas daquilo que a própria autora define como sendo uma «alquimia feminista», isto é, o entrecruzamento de corporalidades,

¹³ Jaci de Fátima Souza Candiotto, «Hermenêutica feminista da suspeita como possibilidade de superação de epistemologias teológicas excludentes,» *Pistis & Praxis*, vol. 13 (2021): 297, grifo da autora.

sexualidades, diversidades, territórios e realidades, o que lhe permitirá propor uma teologia feminista híbrida.

Em *Contributos para abordagens interseccionais na Casa Comum*, Teresa Martinho Toldy parte do princípio de impossibilidade de haver um conhecimento que seja onipresente, onisciente e onipotente, destacando, na verdade, o caráter situado e contextualizado de toda a reflexão teológica e filosófica. A partir disso, a articulista lança mão da pergunta sobre a necessidade e a relevância da interseccionalidade epistemológica para a construção teológico-discursiva da Casa Comum. Mais precisamente, trata-se de pensar os contributos de uma hermenêutica interseccional na edificação da teologia, uma vez que tal abordagem hermenêutica pensa social, política, econômica e teologicamente a complexidade dos problemas, inibindo, portanto, uma leitura unilateral, o que, por fim, conduz a autora à afirmação de uma teologia contextualizada, contingente, autor-reflexiva e sempre à procura da justiça social.

Também destacando a importância da hermenêutica para a construção de uma teologia feminista, Maria Cristina S. Furtado, em *A hermenêutica do feminino na teologia: suas lutas e conquistas*, realiza, em primeiro lugar, uma leitura do olhar teológico masculino sobre a mulher e, posteriormente, traz a importância do Concílio Vaticano II para que mudanças significativas fossem realizadas no âmbito teológico; mudanças acolhidas, por exemplo, na América Latina, pela Teologia da Libertação, que, por sua vez, favoreceu o desenvolvimento de uma teologia ecofeminista, bem como as discussões de gênero realizadas desde a perspectiva teológica.

O artigo de Fernanda Henriques, *Algumas reflexões em torno da tarefa crítica das teologias feministas*, objetiva trazer um contributo para a desconstrução de uma assimetria antropológica entre homens e mulheres, o que, de acordo com a articulista, tem sido transmitido pela Igreja Católica ao longo do tempo e que se institui por meio de jogo entre as concepções de identidade e diferença. Nesse sentido, Fernanda Henriques pontua a necessidade de toda a teologia feminista ter de ser crítica, o que, de certa forma, dá continuidade à discussão por ela iniciada em *Elisabeth*

*Schüssler Fiorenza: uma hermenêutica feminista crítica*¹⁴ a respeito da tarefa crítica da hermenêutica e dos contributos que esta pode oferecer no desenvolvimento de uma teologia feminista.

Em *Pensar Deus em perspectiva do feminino. Em busca de legitimidade hermenêutica*, a proposta de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves não é pensar um Deus metafísico cindido de uma «realidade real», mas pensá-lo justamente a partir de tal «realidade real», o que, de acordo com o articulista, propicia o irromper do feminino em teologia. Para tanto, será necessário entender a «irrupção do feminino» em teologia, o que será feito, em primeiro lugar, a partir da descrição da situação hermenêutica das mulheres, que identificará as marcas de opressão e marginalização que elas trazem consigo. O articulista ainda se ocupa explicitamente com a irrupção do feminino na cultura, na sociedade e na teologia, com o propósito de mostrar tal irrupção como componente de estruturação antropológica do *humanum*, de tal forma que não será possível pensar Deus sem pensar a condição do ser humano.

Encerrando esta seção, temos o artigo de Marilú Rojas Salazar, *Ero-eco-sofia: la fuerza y el coraje profético feminista como alquimia de los movimientos callejeros*, que afirma que o propósito da alquimia feminista não é concentrar o poder, substituindo o modelo patriarcal por outro modelo impositivo, mas transformar tais vidas em melhores espaços de vivência, com melhores e mais saudáveis condições de vida, combinando-a com os saberes tradicionais, os desejos, as lutas e a cotidianidade específica de cada povo. Para isso, faz-se necessária uma subversão do sistema patriarcal, algo possível de ser concretizado, de acordo com a articulista, se, de fato, essa for uma luta em que as ações micropolíticas saem em direção às macropolíticas. Neste artigo, nota-se explicitamente a conjugação de um feminismo social com um feminismo profético, o que torna possível (re)pensar inclusive a estrutura eclesial que, como já bem destacou o artigo de Fernanda Henriques, é excludente.

¹⁴ Cf. Fernanda Henriques, «Elisabeth Schüssler Fiorenza: uma hermenêutica feminista crítica,» *Pistis & Praxis*, vol. 13 (2021): 273-290.

A última seção do dossiê, composta por quatro artigos, reúne duas temáticas caras ao ecofeminismo: a mística e a poesia. De fato, como afirma Wozna, «as raízes espirituais e a tradição mística mostram uma clara conexão da vivência ecológica»¹⁵. Não raras vezes, essa conexão ganhou voz por meio de uma linguagem poética, capaz de «des-velar sem de-finir, e assim manter a dimensão humana de Mistério nunca esgotável, um ser humano que sempre se des-vela e re-vela»¹⁶. A linguagem poética é veículo de expressão da experiência mística, de uma mística encarnada e conectada com a Terra. Isso será muito bem percebido no artigo de Gustavo Ferreira dos Santos em coautoria com Ceci M. C. B. Mariani, *Mística ao pé da árvore: elementos teopoéticos no Canto dos escravizados de Paulina Chiziane*, no qual os articulistas assumem o conceito de «mística de olhos abertos», do teólogo alemão Johann Baptist Metz, como chave de leitura da obra poética *Canto dos escravizados*, da autora moçambicana Paulina Chiziane, vencedora do Prêmio Camões 2021. O propósito é mostrar como, em sua primeira obra de poesias, Chiziane confere não apenas voz a seu povo, mas os conclama a se unirem em favor da liberdade e do direito à vida; uma vida que seja capaz, por exemplo, de reverenciar a experiência sagrada de sua cultura sem as imposições religiosas da colonização europeia. Por isso, o principal resultado de tal investigação está na indicação de uma teopoética autêntica dos «filhos da África», fruto de uma experiência não-falseada, ou melhor, realizada não a partir de uma cultura imposta em África.

Mantendo-se à esteira da linguagem poética, o artigo de Cleide Maria de Oliveira, *Representações do feminino na poesia de Adélia Prado*, revisita a poesia – e a prosa – da escritora brasileira, propondo, mais precisamente, uma visita guiada, pois a articulista traz à tona as representações do feminino presentes na escrita pradiana, identificando seu *locus*, suas tramas e seus dramas. O ápice do artigo, contudo, está no foco dado à sacralização e à erotização do corpo como características que personificam as personagens

¹⁵ Wozna, «Ecofeminismo, justicia y espiritualidad,» 448.

¹⁶ Alex Villas Boas, *Teologia em diálogo com a literatura: origem e tarefa poética da teologia* (São Paulo: Paulus, 2017), 73.

poéticas na obra dessa autora que, por meio da poesia, faz uma apropriação da beleza, ou melhor, faz a poesia dar forma à beleza¹⁷.

Contudo, não só por meio da linguagem poética se vê a conexão acima referida entre a mística e a vivência ecológica: também pela linguagem filosófica, como darão a ver os artigos de Marcio Cappelli, *Poesia, filosofia e mística: distinções e aproximações a partir de María Zambrano*, e de Luís Gabriel Provinciatto em coautoria com Felipe de Queiroz Souto e Renato Kirchner, *O pensar meditativo e a mística da Terra: prospectos para uma ecofilosofia a partir de Mónica Giardina*. O primeiro, a partir da obra *Filosofia e poesia*, da filósofa espanhola María Zambrano, pretende delinear uma «zona de convergência» entre esses três âmbitos que, a princípio, parecem tão distintos: a poesia, a filosofia e a mística. Já o segundo traz para a discussão a proposta da filósofa argentina Mónica Giardina, que, muito em diálogo com os filósofos alemães Martin Heidegger e Hans Jonas, propõe uma «mística da Terra», ancorada no «pensar meditativo» heideggeriano com vistas à fundação de uma nova ética – a ética do cuidado – à luz do princípio responsabilidade jonasiano.

Não podemos deixar de mencionar ainda que os trabalhos aqui reunidos são desdobramentos das discussões iniciadas no *II Colóquio Internacional Hermenêuticas do Feminino: Ecos na/da Casa Comum*¹⁸, organizado pelo Grupo de Trabalho Ecofeminismo e Ecocultura, que compõe o projeto *Casa Comum e novos modos de habitar interculturalmente: teologia pública e ecologia cultural em tempos de pós-pandemia*, coordenado pelo Prof. Alex Villas Boas (CITER-UCP). Gostaríamos aqui de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas,

¹⁷ Villas Boas, *Teologia em diálogo com a literatura*, 285-286.

¹⁸ Uma síntese das conferências e das mesas redondas que compuseram tal colóquio está disponível em: Renato Kirchner, Ceci Maria Costa Baptista Mariani, e Luís Gabriel Provinciatto, «Notas a respeito do II Colóquio Internacional Hermenêuticas do Feminino: ecos na/da Casa Comum,» *Atualidade Teológica*, vol. 25, n.º 68 (2021): 369-382, acessado em 27.07.2022. Já os textos completos dos trabalhos apresentados nas sessões temáticas que também compuseram o colóquio estão disponíveis no quarto volume dos *Anais do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas*, disponível em: <https://anaispgcrpuccampi.wixsite.com/meusite/edicoes>

que acolheu e tornou possível a realização do evento, ocorrido entre os dias 18 e 20 de outubro de 2021, em uma parceria entre a Universidade Católica Portuguesa (UCP) e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), com o apoio da PUC-Rio, PUC-Paraná, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Praxis – Centro de Filosofia, Política e Cultura.

Desejamos boas leituras a toda a gente, na esperança de que este número da *Ephata* seja uma contribuição qualificada para os estudos em teologia, em ciências da religião e áreas afins em Portugal e no exterior.

Bibliografia

- Candiotto, Jaci de Fátima Souza. «Hermenêutica feminista da suspeita como possibilidade de superação de epistemologias teológicas excludentes.» *Pistis & Praxis*, vol. 13 (2021): 291-306. DOI: 10.7213/2175-1838.13.espec.DS17
- Clement, Catherine, e Julia Kristena. *Le féminin et le sacré*. Paris: Stock, 1998.
- Gebara, Ivone. *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.
- Gebara, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Gebara, Ivone. «Gênero e ecologia: algumas reflexões ecofeministas e suas consequências para a teologia.» In *Filosofia do gênero em face da teologia: espelho do passado e do presente em perspectiva do amanhã*, organizado por Clélia Peretti, 21-41. Curitiba: Champagnat, 2011.
- Henriques, Fernanda. *Filosofia e gênero: outras narrativas sobre a tradição ocidental*. Lisboa: Colibri, 2016.
- Henriques, Fernanda. «Elisabeth Schüssler Fiorenza: uma hermenêutica feminista crítica.» *Pistis & Praxis*, vol. 13 (2021): 273-290. DOI: 10.7213/2175-1838.13.espec.DS16
- Kehl, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- Kirchner, Renato, Ceci Maria Costa Baptista Mariani, e Luís Gabriel Provinciatio. «Notas a respeito do II Colóquio Internacional Hermenêuticas do Feminino: ecos na/

/da Casa Comum.» *Atualidade Teológica*, vol. 25, n.º 68 (2021): 369-382. DOI: 10.17771/PUCRio.ATeo.56634

Kristeva, Julia. *Seule une femme*. Paris: L'Aube, 2013.

Villas Boas, Alex. *Teologia em diálogo com a literatura: origem e tarefa poética da teologia*. São Paulo: Paulus, 2017.

Wozna, Antonina Maria. «Ecofeminismo, justicia y espiritualidad.» *Carthaginensia*, vol. 37, n.º 72 (2021): 433-452. Disponível em: <https://revistacarthaginensia.com/index.php/CARTHAGINENSIA/article/view/333>. Acessado em 27.07.2022.

Maria Clara Lucchetti Bingemer¹⁹

Luís Gabriel Provinciatto²⁰

¹⁹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, <https://orcid.org/0000-0003-3443-8214>; agape@puc-rio.br.

²⁰ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, <https://orcid.org/0000-0003-0597-8641>, luis.provinciatto@puc-campinas.edu.br.